



Sertão, espaço de germinação poética topofílica e biofílica em Patativa do Assaré: uma abordagem ecocrítica

Rosani Saleti da Rosa¹, Samuel Ronobo Soares², Ângela Maria Zanon³ e Thaís Souto Bignotto^{1*}

¹Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Rua Guaíra, 3141, 85903-220, Toledo, Paraná, Brasil.

²Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade, Universidade Estadual de Maringá/Instituto Federal do Paraná, Umuarama, Paraná, Brasil. ³Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: thais.bignotto@unioeste.br

RESUMO. Frente aos problemas ambientais enfrentados em nossa contemporaneidade, socioambientalistas de todo mundo se mobilizam com o objetivo de pensar a relação ser humano-natureza. Em vista disso, surgiram estudos sistemáticos e interdisciplinares na tentativa de questionar a condição utilitarista dos bens naturais como recursos não renováveis. Desse modo, pretendeu-se ampliar as discussões sobre a Ecocrítica como articuladora desta interdisciplinaridade. O conceito da teoria literária Ecocrítica contribuiu para as análises de nossa pesquisa. Para tal feito, o objetivo desta pesquisa foi analisar a relação ser humano-natureza na poética de Patativa do Assaré, a qual tematiza a Literatura e a Ecologia, pautadas na corrente crítica Ecocrítica. Assim, as análises poéticas concorrem para a compreensão sobre o sertão nordestino como espaço onde brotam a semente e as rimas que expressam os sentimentos topofílicos e biofílicos. Como resultados obtidos a partir das análises das poesias, pôde-se observar que a poética patativiana se consolidou como espaço sertanejo no qual floresce rimas no mesmo ritmo que a natureza floresce e, por fim, uma literatura topofílica e biofílica e, para tal, uma nova ressignificação da relação sujeito-natureza. Concluiu-se que a Ecocrítica se tornou uma importante ferramenta de análise do texto literário, permitindo perceber uma ressignificação do ser humano-natureza. Em específico, a poética de Patativa do Assaré permite olhar o lugar, o ser e a existência numa unicidade, sendo assim, em um tríptico aspecto indissociável.

Palavras-chave: biofilia; topofilia; poesia patativiana; tropos ecocríticos.

Hinterland, space for topophilic and biophilic poetic germination in Patativa do Assaré: an ecocritical approach

ABSTRACT. Faced with the environmental problems faced in our contemporaneity, socio-environmentalists from all over the world mobilize with the objective of thinking about the human-nature relationship. Therefore, systematic and interdisciplinary studies have emerged in an attempt to question the utilitarian condition of natural goods as non-renewable resources. In this way, it was intended to expand the discussions on Ecocriticism as an articulator of this interdisciplinarity. The concept of Ecocritical literary theory contributed to the analysis of our research. For this purpose, the objective of this study was to analyze the human-nature relationship in the poetics of Patativa do Assaré, which thematizes Literature and Ecology, based on the critical Ecocritic current. Thus, the poetic analyzes contribute to the understanding of the northeastern hinterland as a space where the seed and the rhymes that express topophilic and biophilic feelings sprout. As results obtained from the analysis of the poems, it was possible to observe that Patavian poetics was consolidated as a sertanejo space where rhymes flourish at the same pace as nature flourishes and, finally, a topophilic and biophilic literature and, for that, a new re-signification of the subject-nature relationship. We concluded that Ecocriticism has become an important tool for analyzing the literary text, allowing us to perceive a redefinition of the human being-nature. Specifically, the poetics of Patativa do Assaré allow us to look at the place, the human being and the existence in a single and inseparable triple aspect.

Keywords: biophilia; topophilia; patavian poetry, ecocritical tropes.

Received on August 20, 2023.

Accepted on April 14, 2024.

Introdução

Quando pensamos o campo da Ecologia, encontramos a natureza como o lugar, o *oikos*, a morada da fauna, da flora e do ser humano; já quando pensamos nas Ciências Ambientais, nos remetemos aos elementos naturais existentes no meio ambiente, como os animais, as matas e o rios, bem como a emergência de preservá-los. Embora, atualmente, haja muitos discursos ambientalistas de ‘proteção’ e ‘preservação’ da natureza, o ser humano que deveria cercá-la de cuidados é o mesmo que a destrói e a degrada. Dessa forma, para superar a crise ecológica atual e restaurar o planeta, é necessário primeiramente que cada indivíduo tome para si a responsabilidade de ler seu ambiente e interpretar as relações e conflitos aí existentes.

Assim, nessa complexa teia de relação entre ser humano e natureza, surgiu a preocupação de estudos e pesquisas para discutir os problemas ambientais, de forma que foram surgindo teorias e correntes críticas que corroborassem o entendimento da relação entre seres humanos e natureza. Várias áreas do conhecimento têm se debruçado na compreensão da relação ser humano-natureza. Cada ciência identifica problemas e propõe alternativas de preservação. A Literatura, ainda que não seja ciência, pelo caráter humanizador através do olhar da Ecocrítica, pode compreender essa relação por meio do texto literário.

Dessa forma, ressaltamos a importância da corrente teórica Ecocrítica para a compreensão de questões ambientais, especificamente a relação ser humano-natureza. Em outras palavras, a Ecocrítica é “[...] o estudo da relação entre a Literatura e o meio ambiente” (Glotfelty apud Garrard, 2006, p. 14). Essa teoria literária possibilita compreender como as formas de relação do ser humano com a natureza são representadas dentro do texto literário, para isso “[...] adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra” (Glotfelty apud Garrard, 2006, p. 14).

Nesse sentido, os questionamentos sobre a relação do ser humano com o meio-ambiente despertaram, na sociedade mundial, a necessidade de estudos sistemáticos que dessem conta dos problemas ambientais contemporâneos. Nesse cenário, a Literatura – a partir da verossimilhança e a capacidade de sensibilização – tem potencial para auxiliar as Ciências Ambientais a debater questões correlatas ao meio ambiente, levando o sujeito a questionar a degradação ambiental provocada pela humanidade.

Entendemos que a Literatura se constitui como ferramenta para compreensão da relação ser humano-natureza por meio dos estudos ecocríticos, especificamente no texto poético, objeto de nossa pesquisa. A Literatura amplia os horizontes literários e de conhecimento de mundo a respeito das questões voltadas ao relacionamento homem-natureza. A Literatura, enquanto arte transformadora, pode agir como mediadora interdisciplinar imperiosa de convencimento e de combate contra a utilização de recursos naturais de forma utilitarista.

A Literatura, deste modo, corrobora a construção de uma nova ética ambiental, posto que a arte literária possui potencial para a (re)humanização do ser. Destarte, nossa pesquisa faz um diálogo entre os aspectos ambientais que envolvem referências sociais, econômicas e geográficas da relação ser humano-natureza com a obra de Patativa do Assaré a partir da abordagem Ecocrítica.

Essa teoria literária tem se definido como uma corrente voltada para estudos interdisciplinares entre a Literatura e o meio ambiente e, por conseguinte, tem interesse em discutir a relação ser humano e seu entorno natural e social porque compreende a impossibilidade de separar o meio ambiente do sujeito humano. Desse modo, analisar a relação ser humano-natureza na poética do poeta Patativa do Assaré com abordagem Ecocrítica constitui o *corpus* deste estudo, tendo como fundamentação de nossa análise Antonio Candido, Greg Garrard, entre outros críticos e pensadores.

Sertão: uma cascata de rimas que brota do chão

Para Garrard (2006, p. 15), o estudo ecocrítico pretende “[...] rastrear as ideias e representações ambientalistas onde quer que elas apareçam [...] nos inúmeros espaços culturais [...]” como um aporte teórico literário que almeja contribuir para as discussões ambientalistas. Candido (2011) corrobora a visão de Garrard (2006) quando ressalta a importância da poesia como ato e prática proposital de consciencialização, podendo ser manifestada em diversos grupos da sociedade, incluindo a escola. Para o crítico, a Literatura é “[...] um instrumento poderoso de instrução e educação entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (Candido, 2011, p. 177). Também concorda com Candido (2011) o crítico literário Pilati (2018), quando discorre sobre o potencial da poesia de nos tornar mais humanos e mais sensíveis às questões humanitárias.

A poesia de Patativa do Assaré, enquanto cultura popular, constitui-se numa força oposta entre dominantes e dominados, pois tem necessidade de abrir espaços para criar sua própria arte como instrumento

de resistência e contestação. Entendemos, assim, que a poesia possui caráter sociológico, posto que abarca em seu âmago tradições, saberes e memórias populares.

Nessa perspectiva, a poesia patativiana brota do chão e se mistura com as sementes de arroz, milho e feijão (Carvalho, 2011). É nesse espaço sertanejo que o poeta se inspira ao representar o imaginário narrado: “O meu verso tem chero/ Da poera do sertão;/ Vivo nessa solidade/ Bem distante da cidade/ Onde a ciência governa,/ Tudo meu é naturá” (Assaré, 1978, p. 19).

Por meio da ludicidade, o poeta insere o espaço natural e, ao mesmo tempo, faz inferência ao abandono desse lugar pelas autoridades: “Vivo nessa solidade/ Bem distante da cidade/[...]” (Assaré, 1978, p. 19). Candido (2011, p. 82) enfatiza que é “[...] difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos”. Isso nos esclarece que a Literatura é fonte de vida individual e coletiva, pois esta se abre para os problemas que a humanidade enfrenta em seu dia a dia

O sujeito lírico expressa nos versos o profundo conhecimento do lugar de sua vivência e exalta o espaço natural “bem distante da cidade” evocando a tradição da poesia pastoril ecocrítica em que o sujeito lírico prefere “[...] o bálsamo e consolo do campo, ou, mais precisamente, uma fuga da balbúrdia do ambiente urbano [...]” (Gifford apud Garrard, 2006, p. 54), ou seja, ‘onde a ciência governa’. Esse verso não significa que o poeta negue a ciência e a modernidade, mas é no chão sertanejo o seu laboratório de criação, no mesmo lugar onde se ouve o ritmar da enxada. Segundo Carvalho (2009, p. 168), “Patativa bodejava a poesia. Dava um jeito de ficar longe dos outros agricultores para poder se concentrar melhor e assim brotava poesia, à medida que trabalhava a terra”.

Dessa forma, a poesia, na vida do poeta, não faz parte somente da literatura, mas “[...] é também um modo de viver na participação expressada pelo amor, o fervor, a comunhão, a exaltação [...]”, (Morin & Kern, 2011, p. 169). O poeta inaugura uma nova forma de habitar a Terra, representada pelo sertão nordestino, pois, por meio de sua poética, ele habita poeticamente (Morin & Kern, 2011), endossado pelas afirmações de Candido (2007, p.81) em que a Literatura “[...] tem o poder de confirmar a humanidade do homem [...]”, e, além disso, para Candido (2011), a Literatura é um aspecto vital de humanização, porque reconhece o homem em sua ‘humanidade’ e age no subconsciente e inconsciente.

Com isso, clarifica-se que o romance mostra a universalidade da condição do ser humano, ao passo que a poesia nos revela que

Habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível (Morin & Kern, 2011, p. 45).

Nesse aspecto, a poética patativiana evidencia um projeto de experiência que eleva a condição humana para o amor à natureza conforme os versos do poema ‘Cante lá, que eu canto cá’ (Assaré, 2003), cujo contexto resume a visão do sertanejo, mas não a que divide a cidade do campo,

[...] as entre suas formas de ser, as duas culturas, uma rural e outra urbana, com uma, a cultura urbana, invadindo avassaladoramente todos os rincões dos campos e gerando um conflito cultural de consequências incalculáveis para a cultura do povo (Assaré, 1978, p. 9).

Todavia, esse dado que contextualiza o poema ‘Cante lá que eu Canto cá’ não interfere no objetivo desta análise, cujo teor envereda para a metáfora da germinação no processo poético patativiano.

[...]

Meu verso é como a semente
Que nasce inriba do chão,
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

[...]

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male

Quero repará pra serra
Assim que eu óio pra cima
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra
(Assaré, 2003, p. 277-278).

Ao dizer “Meu verso é como a semente/ Que nasce inriba do chão” (Assaré, 2003, p. 277), a comparação é tecida pelo processo de germinação, podendo somente ocorrer em condições ambientais favoráveis, tal como os versos do poeta: “A minha rima faz parte/ das obras da criação” (Assaré, 2003, p. 277), ela é fruto do próprio chão sertanejo, germinador da semente que o povo usufrui para a subsistência e, por conseguinte, germinador dos versos que proporcionam alegria e lazer para aqueles que o escutam ou leem.

Dessa maneira, verso e semente brotam da mesma vertente, são feitos do mesmo tecido: poesia e ciência interagem nesse processo de germinação, pois não é sem razão que Garrard (2006), Camasca (2020), Feitosa e Silva (2020) concordam que a literatura se torna fonte documental para uma abordagem dos estudos literários voltados para a Terra. Os ambientalistas Cidreira-Neto e Rodrigues (2017) chamam a atenção para a necessidade do trabalho interdisciplinar como um caminho para restabelecer o equilíbrio entre o homem e a natureza. Isso porque os autores concebem a relação homem-natureza como ‘complexa’, por isso a necessidade do diálogo entre as ciências humanas e da natureza, e que não se pode mais pensar a questão ambiental, suprimindo o social. Nessa concepção, cotejam que

Olhar para a natureza de forma interdisciplinar pode ser o primeiro passo para a construção dessa harmonia, visto que a partir dessa nova interpretação pode-se criar atributos para combater a visão capitalista utilitária, como a natureza é vista nas relações atuais (Cidreira-Neto & Rodrigues, 2017, p. 150).

Esse processo imbricado de ciência e poesia é fruto da paciência do poeta em criar seus versos da mesma forma em que prepara a terra para o cultivo, sendo ele poeta e agricultor. Nessa dimensão, ele acumula duas funções que se fundem “[...] num processo criativo, solitário, na maioria das vezes, ao trabalhar o chão, quando imaginava uma cena os versos se acumulavam como camadas dessa mesma terra se superpunham” (Carvalho, 2011, p. 31).

A sensibilidade do poeta ao olhar a natureza com tanta simplicidade e profundidade personifica o verso e amplifica as rimas através da hipérbole: “Pra toda parte que eu óio/ Vejo um verso se buli/ Vejo um diluve de rima/ Caindo inriba da terra” (Assaré, 2003, 278). Também deixa transparecer nos versos a seguir o seu orgulho de ser “[...] fio das mata [...]” e “[...] poeta das brenha” (Assaré, 2003 p. 13). Nesse aspecto, o sujeito lírico assume sua vivência sertaneja que se constitui sua identidade no espaço cultural em que o sertão (matas) está representado.

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha choupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô”
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô (Assaré, 2003 p. 14).

Em *Inspiração Nordestina* (2003), assim relata Assaré:

A poesia sempre foi e ainda está sendo a maior distração da minha vida. O meu fraco é fazer verso e recitar para os admiradores, porém nunca escrevo meus versos. Eu os componho na roça, ao manejar a ferramenta agrícola e os guardo na memória, por mais extenso que seja (Assaré, 2003, p. 15).

Nesse sentido, o poeta não retrata somente o espaço sertanejo, “[...] mas também se sente como parte dele, enraizado, visceralmente ligado ao seu coração” (Seemann, 2007, p. 60). Para compor versos e rimas sobre o sertão é necessário não apenas morar na região, mas vivenciá-lo: “Pra gente cantá o sertão,/ Precisa nele morá” (Assaré, 2003, p. 276). O eu-lírico se sente como um pássaro acolhido em seu ninho, “[...] pois a intimidade tem necessidade do âmagô do ninho [...]” (Bachelard, 2000, p. 78), ou seja, ele canta aquilo que conhece e lhe é familiar, como:

[...]

Por força da natureza,
Sou poeta nordestino,
Porém só canto a pobreza
Do meu mundo pequenino.
Eu não sei cantá as gulora,
Também não canto as vitora
Dos herói com seus brasão,
Nem o má com suas água...
Só sei cantá minha mágua
E as mágua de meus irmão (Assaré, 1978, p. 75).

Nos 150 versos do poema ‘Por força da natureza’, surgem uma enxurrada de rimas ‘da quentura do sertão’. Cada verso contém um olhar penetrante: “Eu não sei cantá as gulora/ [...] Só sei cantá minha mágua/ E as mágua de meus irmãos” (Assaré, 1978, p. 78). Nesse canto, “[...] há um misto de beleza e compaixão, beirando um lamento em nota de repúdio [...]” (Brito, 2018, p. 34), pois o próprio poeta deixou sua reflexão sobre poesia popular: “Eu sou poeta popular, porque nunca estudei literatura. Uma poesia em forma literária, uma poesia erudita, é pra aqueles grandes, é pra os literatos, esses poetas grandes, que estudaram [...]”, (Feitosa, 2009, p. 51), pois

Eu fui apenas alfabetizado. Agora fui um leitor assíduo, cuidadoso, curioso pra saber das coisas. Aprendi a ler, queria ler tudo. [...] lia revista, jornal, os poetas da língua e muitas outras coisa viu? Até Camões, aquele ‘*Os Lusíadas*’, de Camões, que é uma coisa intrincada (Carvalho, 2002, p. 18-19).

Observamos, portanto, que o poeta valoriza o seu fazer diário, abarcando as suas crenças, os seus costumes e seu modo íntimo de viver, a sua relação com a sua gente e sua terra. Não podemos deixar de frisar a sua relação com o sertão, a recorrência da temática da natureza e sua representação em seus poemas. Sua obra nasce da sua própria existência do sertão, por isso entendemos que a poética da natureza patativiana nasce no mesmo ritmo da germinação das sementes colocadas na terra para a sua subsistência.

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta, canta, canta,
E inda fica o qui cantá.

[...]

Sertão, minha terra amada,
De bom e sadio crima,
Que me deu de mão bejada
Um mundo cheio de rima.
O teu só é tão ardente,
Que treme a vista da gente
Nas parede de reboco,
Mas tem milagre e virtude,
Que dá corage, saúde
E alegria aos teus caboco (Assaré, 1978, p. 21-22).

Nos versos do poema ‘Eu e o sertão’ reincide a criação poética ‘do meu torrão amado’, pois “[...] tua beleza é tanta/ Qui o poeta canta, canta,/ E inda fica o qui cantá” (Assaré, 1978, p. 21). O espaço sertanejo, de onde jorra a criação literária, ultrapassa os limites de lugar físico para se transformar “[...] como um lugar de beleza estética” (Araújo & Santos, 2020, p. 73). O poeta metonímico, ao presentear-nos com um sertão lírico, revela uma terra subjetivada, eivada de manifestação artística, deixou de ser apenas sertão para se transformar em verso e nos oferecer “[...] um mundo cheio de rima [...]” que apesar do “[...] só tão ardente,/ Que treme as vista da gente [...]”, no sertão há dois predicados: “[...] milagre e virtude [...]”, despertando no sujeito lírico “[...] corage, saúde e alegria” (Assaré, 1978, p. 21-22).

Um dos objetivos da Ecocrítica é indagar qual o papel da natureza, que lugar “[...] ocupam os bosques, as águas, o vento [...]” (Tortonda, 2018, p. 15), em nosso caso, o sertão nordestino. Como esmiuçar a complexa relação humana com seu entorno, seja natural ou social, tendo em vista a impossibilidade de separar o meio ambiente natural ou social do sujeito humano.

Nessa teia de relação que se constitui em uma unidade inseparável e ao mesmo tempo complexa (González, 2010), Patativa, ao contemplar as entidades naturais, admite os ‘mistério’ do sertão que ‘Ninguém sabe decifrá’. Implicitamente, revela o seu respeito à natureza-sertão e como uma espécie de idílio “[...] celebra um presente generoso [...]” (Garrad, 2006, p. 60) ao admitir através da epífora “[...] canta, canta/ E inda fica o qui. cantá” (Assaré, 1978, p. 21). Quando se refere aos ‘mistério do sertão’, o sujeito lírico tem ciência de que é necessário respeitar a natureza e, com isso, revela uma ética antropocêntrica, porque, segundo Norton (2019, p. 2-3), “[...] todo o indivíduo com consciência ambiental acredita que existe um conjunto de comportamentos humanos que prejudica ou pode prejudicar o meio ambiente”.

Assim, o sujeito lírico revela nos versos: “E vejo qui os teus mistero/ Ninguém sabe decifrá [...]” (Assaré, 1978, p. 21) que mesmo ele, um homem do campo, não consegue decifrar todas as belezas da natureza e, ao revelar que “Ninguém sabe decifrá [...]” (Assaré, 1978, p. 21), ele convoca todo indivíduo a mergulhar nos mistérios da Natureza com profundo respeito, pois o próprio sujeito lírico transparece comungar com a ética ambientalista de cunho não utilitarista e não individualista (Norton, 2019).

Nesse contexto, o sertão é a seara que germina a semente e os versos da poética da natureza em Patativa do Assaré: a natureza está para os versos, como os versos estão para a natureza, isso porque o poeta se regozija ao interagir com os elementos não humanos, pois sem as belezas naturais do sertão não existiria “Um mundo cheio de rima [...]” (Assaré, 1978, p. 21), denotando que ser humano e natureza se completam. Todavia, o poeta se desvia dos ideais da Ecologia Profunda que promove uma ‘poética da autenticidade’ e se envereda para a poética da responsabilidade, pois traz à baila para o leitor que se atente a esses detalhes a Ciência Ecológica (Garrard, 2006): a diversidade de animais e plantas que vivem nesse bioma são elementos privilegiados em sua poética. Isso mostra a preocupação de Patativa com a sua terra e seu povo que depende deste ‘torrão amado’.

Para os estudos Ecocríticos, o tropo do mundo natural tem valor quase sacramental: guarda a promessa de uma relação autêntica e renovada da humanidade com a terra. Desse modo, em Patativa do Assaré, esse tropo ecológico se revela pela forma em que o eu-lírico se relaciona com o ambiente natural sertanejo, atitude própria de um homem que compreende, com simplicidade de um agricultor, a sua dependência do meio ambiente para sua sobrevivência. ademais, os valores ambientais revelados em sua poética “[...] estão implícitos nas atividades econômicas, [...] comportamento e estilo de vida” (Tuan, 2018, p. 78).

Desse modo, o sujeito lírico, nos versos “E vejo qui os teus mistero/ Ninguém sabe decifrá [...]” (Assaré, 1978, p. 21), manifesta uma postura de humildade e reverência pela criação e, também, nos convida para contemplar a natureza com amor fraternal, evidenciando que ela é nossa casa, nosso abrigo. Dessa forma, confirma sua responsabilidade ética como propõe Norton (2019), porque entendeu que a natureza não pode ser algo “[...] dominado por simples razões econômicas, nem como oportunidade para se testar a virilidade” (Tuan, 2018, p. 78).

Poética de relação amorosa: laços topofílicos e biofílicos em Patativa do Assaré

Neste último tópico do mosaico analítico, temos como objetivo rastrear a topofilia e a biofilia nos poemas: ‘Vou Vortá’; ‘A Estrada da minha Vida’; ‘O Paraíso das Aves’ (Assaré, 2003).

As mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem, [...]. A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos (Tuan, 2018, p. 108, 110).

O que poderia consolidar o elo afetivo do ser humano com o lugar onde habita? Segundo Santos e Lima (2020, p. 274), a “[...] afetividade se constrói exatamente pelas experiências vividas pelo ser humano no lugar e, tal sentimento tende a ficar mais forte à medida que a relação vai se tornando mais duradoura [...]”, de modo que criamos certas representações e simbologias do lugar que vivemos que podem perpetuar, em nossa memória, as doces lembranças do nosso canto chão, a tal ponto que se tivermos, por alguma razão ir embora, sentiremos saudade como o sujeito-lírico patativiano: “Vou vortá pro meu sertão,/ Não posso me acostumá/ Com o grande reboliço/ Das rua da capitá” (Assaré, 2005, p. 132).

Outro aspecto, em evidência, é a topofilia que é “[...] formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança [...]” (Tuan, 2018, p. 111).

[...]

Vou vortá pro meu sertão,
Eu não me acostumo aqui.
Vou vive no meu caminho,
Lá perto do Cariri.
Vou vê a minha paióça,
Minha muié, minha roça,
Que eu vivo é do meu trabaio,
É da minha prantação,
E diz um véio rifão:
- Cada macaco em seu gaio.

Já tou com munta sodade
Lá das minha capoêra,
Do meu cavalo Peitica
E da vaca Lavandêra,
De Zefa, minha muié,
De João, de Chico e de José,
E de tudo, finalmente.
Vosmicêis não conhece
O tanto que se padece
Longe da casa da gente (Assaré, 2003, p. 132).

Nas estrofes iniciais do poema, o eu-lírico se derrama de paixão pelo seu lugar de procedência quando proclama “Vou vortá pro meu sertão,/ Eu não me acostumo aqui./ Vou vive no meu caminho,/ Lá perto do Cariri [...]” (Assaré, 2003, p. 132), transparecendo uma característica discutida pela ecocrítica que, segundo Garrard (2006), classifica como tradição pastoril, um tropo ecológico que revela uma polarização clara ou velada entre o campo e a cidade. Além disso, nas estrofes acima, notamos que a vida no campo se associa a uma forma de vida simples e natural. O ambiente urbano para o eu poético representa o aprisionamento em oposição à liberdade do campo. A cidade se transforma numa prisão: “Não posso me acostumá/ Com o grande rebuliço [...]” (Assaré, 2003, p. 132) denotando sentimentos próprios do bucolismo. Para Carvalho (2011),

A Serra sempre foi seu ideal de paraíso, o lugar onde ele foi feliz e para onde fugia, quando cansava de Assaré e buscava o cheiro do mato, o cantar de alguma perdida patativa ou os longos torneios poéticos desenvolvidos com seus parceiros ou rivais. A Serra ainda guarda, como uma relíquia, a maior parte da casa onde ele nasceu, paredes de taipa, ocre, se projetando contra o céu azul e se erguendo do chão, do mesmo barro do qual ele e todos nós fomos feitos (Carvalho, 2011, p. 19).

Vejamos, portanto, como vida e obra em Patativa se fundem, e, nesse entrelaçamento, o sujeito-lírico aspira por seu sertão, sua ‘paióça’, sua ‘roça’, pois o fato de sentir ‘sodade’ não se trata de romantizar o sertão, mas sim porque lá está seu vínculo emocional. A tríade sertão-paióça-roça constitui sua identidade plasmada e construída nesse espaço geográfico, histórico, cultural e social: seu lar interior e exterior (emoção e realidade) se misturam nesse processo memorial do poeta. A saudade do sertão se revela na expressão do sujeito lírico como um lugar de aconchego, de casa, de ninho, do qual não se pode separar, pois “Vosmicêis não conhece/ O tanto que se padece/ Longe da casa da gente” (Assaré, 2003, p. 132). Não é apenas um espaço de locomoção, mas seu lugar de pertencimento, “[...] onde investe parte da sua vida emocional” (Tuan, 2018, p. 114).

Os laços afetivos expressos pelo sujeito lírico, definido por Tuan (2018) como topofilia, transcendem para a biofilia que, segundo Wilson (1984), é a relação de amor à natureza, e a ligação emocional dos humanos com outros organismos vivos, como nos versos: “Já tou com munta sodade/ Lá das minha capoêra, / Do meu cavalo Peitica/ E da vaca Lavandêra [...]” (Assaré, 2003, p. 132). A topofilia, nesse caso, forma-se “[...] desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança” (Tuan, 2018, p. 111).

Nessa perspectiva, temos um intercruzamento de dois elos afetivos: topofilia (amor pelo lugar): sertão, paióça, roça; e biofilia (amor pelas plantas e animais): fauna e flora – capoêra, prantação, cavalo e vaca. Conforme já mencionado nessa pesquisa, para Grinde e Patil (2009, p.2332) “[...] o esgotamento de elementos naturais tem

impacto negativo na mente humana [...]”, por isso, não há como negar que o sujeito lírico dispense cuidado e proteção com a fauna e a flora como elementos essenciais que constituem seu lugar de pertencimento.

Patativa nos apresenta uma visão holística da natureza, enquanto considera toda a vida na Terra: seres humanos e não humanos que fazem parte de uma rede social em que cada qual cuida um do outro. Todavia, para obter “[...] o entendimento e conseqüente empatia com a flora e a fauna, a educação do homem é fundamental para alcançar a sensibilização e então a consciência” (Camasca, 2020, p. 19). Nessa abordagem, o ser humano estabelece laços com a natureza os quais definem a valorização do meio ambiente e também a forma como este se relaciona com ela.

Já em ‘A estrada da minha vida’, a construção biofílica se inicia ainda na infância do sujeito lírico. Segundo Araújo e Santos (2020, p. 68), “[...] habita-se o espaço não apenas geograficamente, mas por meio de uma ancestralidade, de uma memória familiar”.

Trilhei na minha infância querida,
Composta de mil primores,
A estrada de minha vida,
Ornamentada de flores.
E que linda estrada aquela!
Sempre havia ao lado dela
Encanto, paz e beleza
Desde a terra ao grande espaço,
Em tudo eu notava um traço
Do pincel da Natureza.

Viajei de passo lento,
Pisando rosas e relvas,
Ouvindo a cada momento
Gemer o vento das selvas;
Colibris e borboletas
Dos ramos das violetas
Vinhã render-me homenagem,
E do cajuzeiro frondoso,
O sabiá sonoro
Saudava a minha passagem (Assaré, 2003, p. 203).

A fauna, a flora, o vento e a lua são personificados na relação biofílica sujeito-natureza. A relação humana e não humana transborda serenidade e comunga a mesma paz como quer a Ecologia Profunda de Arne Naess (1973), uma das orientações ecocríticas porque “[...] propõe um estilo de vida em harmonia com os demais seres vivos [...]” (Speranza, 2006, p. 29): “Colibris e borboletas/ Dos ramos das violetas/ Vinhã render-me homenagem, E do cajuzeiro frondoso, / O sabiá sonoro/ Saudava a minha passagem” (Assaré, 2003, p. 203).

As manifestações dos seres da natureza despertam a admiração e apreço do eu poético pelo seu *habitat*. Do ponto de vista do ecocrítico, o meio ambiente provoca interferências na vida do ser humano, como este também influencia o espaço natural. Para Garrard (2006), o espaço não deve ser visto apenas como espaço onde se desenvolve a trama narrativa, mas como o espaço é revelado por meio da subjetividade do sujeito, isto é, seus sentimentos.

O poema ‘A estrada da minha vida’ transborda o sentimento de amor do eu-lírico pela natureza, porque, em sua visão, revela a idealização do lugar de sua infância. Nessa veneração pelo espaço idealizado, transparece a temática da poesia Pastoral, um tropo ecológico considerado por Garrard o de maior valor representativo nos debates ecocríticos deste a antiguidade clássica.

A propósito, Morin e Kern (2011) sugerem que o ser humano habite a Terra prosaicamente e poeticamente. Prosaicamente que ele trabalhe e sobreviva; “[...] poeticamente (cantando, sonhando, gozando e amando, admirando) [...]” (Morin & Kern, 2011, p. 169), porque a poesia não faz parte somente da literatura, mas “[...] é também um modo de viver na participação, o amor, o fervor, a comunhão, a exaltação, [...]” (Morin & Kern, 2011, p. 169). Essa é a linguagem que deve nortear a relação ser humano-natureza, uma maneira nova de habitar a Terra. Somente pela beleza estética podemos ser sensibilizados pelo sonho que nasce “[...] na infância e prossegue por toda a vida [...]” (Morin & Kern, 2011, p. 169): “Trilhei na minha infância querida,/ Composta de mil primores,/ A estrada de minha vida,/ Ornamentada de flores” (Assaré, 2003, p. 203).

Para Norton (2019), que orienta uma ética ambiental de base não individualista, assim se expressa:

[...] na medida em que os ambientalistas podem demonstrar que existem valores humanos que são moldados e informados pelo contato com a natureza, ela ganha valor como um professor de valores humanos. Dessa forma, a natureza não é concebida apenas como mera fonte de satisfação de valores fixos e usualmente consumistas (Norton, 2019, p. 6).

Em suas palavras, defende que o ser humano necessita aprender com a natureza, pois ela é mestra em ensinar, como poetiza Patativa: “Em tudo eu notava um traço/ Do pincel da Natureza” (Assaré, 2003, p. 132). Como o sujeito poemático aprendeu a ler os traços da natureza? Em contato com ela, experimentando cada detalhe, pode aprender com ela e habitar poeticamente o espaço, despertando em seu interior dois elos afetivos: o sentimento topofílico e o sentimento biofílico. Para Feitosa e Silva (2020, p.26) “[...] a natureza faz o papel de escola, ela é o livro que possui todas as lições, sejam elas fáceis ou difíceis”

[...]

Naquele alegre ambiente,
Ante o concerto excelente,
Escutando atentamente
O passaredo cantar,
Eu fiquei maravilhado,
Como que todo encantado
De ouvir entusiasmado
Aquela orquestra sem par

[...]

Mas desta turma de alados,
Cantores apaixonados,
Mostrando com seus dobrados
Notas agudas e graves,
Há um que mais me fascina:
É um galo de campina,
O maestro que domina
O Paraíso das Aves.

[...]

Passarinho benfazejo,
Quando eu ouço o teu arpejo,
Em ti as provas eu vejo
Do poder do Criador.
A tua voz predileta,
De magia tão repleta,
É a ilusão do poeta
E a distração do doutor (Assaré, 2003, p. 210-212).

O contato e a vivência com os elementos da natureza despertam o conhecimento como defende Norton (2019) e, desse conhecimento, florescem os valores humanos, estimulando o elo afetivo do ser humano pelo *oikos* e pelos elementos que compõem o espaço habitado

Naquele alegre ambiente,/ Ante o concerto excelente,/ Escutando atentamente/ O passaredo a cantar, [...] Passarinho benfazejo,/ Quando eu ouço teu arpejo/ [...] A tua voz predileta,/ De magia tão repleta,/ É a ilusão do poeta/ E a distração do doutor (Assaré, 2003, p. 210; 212).

A relação do sujeito lírico com os pássaros ocorre de forma dialética: os dois são transformados nessa relação: o ‘Passarinho benfazejo’ torna-se o artista dos arpejos musicais, que penetram na intimidade do ser que, embevecido por essa estrutura musical, deixa viver o outro, porque lhe faz bem.

A relação harmoniosa estabelecida pelo eu-lírico nos poemas: ‘Vou vortá’; ‘A estrada da minha vida’; ‘O paraíso das aves’ (Assaré, 2003) com os elementos que compõem o mundo da poética patativiana, também dialoga com os estudos ecocríticos, em que defende o respeito aos animais, representado pelas figuras do ‘cavalo, vaca, sabiá e colibris’. A visão Ecocrítica, no que concerne o relacionamento do ser humano com os animais, defende que estes devem receber um tratamento digno e respeitoso.

Assim, é necessário que o ser humano incorpore culturalmente valores de apreço em relação aos animais, pois se “[...] a cultura molda nossa interpretação dos animais, tanto quanto os animais moldam nossa

interpretação da cultura” (Baker apud Garrard, 2006, p. 199). Em Patativa, os laços biofílicos estabelecidos entre o eu-lírico e a fauna dialogam diretamente com os estudos ecocríticos, na medida em que transparece a interconexão entre ser humano-animal.

Nessa tecitura poética patativiana embebida por laços topofílicos e biofílicos, retomamos as concepções da Literatura, como fator humanizador, ela é

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (Candido, 2011, p. 182).

Assim, como negar o poder humanizador da literatura poética patativiana no que concerne a relação ser humano-natureza? A Literatura nesse sentido corrobora para a formação de um pensamento ecologizado humanizador, impulsionando o sujeito a compreender que a Natureza é nossa mãe, porque nos acolhe em seu espaço, nos oferece segurança. O que seria do indivíduo sem sua morada? Sem a sua casa? Sentir-se-ia um desterrado, sem pátria e exilado. E Patativa compreendeu essa máxima ao dizer: “A Serra de Santana para mim [...]. Eu posso dizer que é o meu paraíso, viu?” (Carvalho, 2009, p. 21). Dessa forma, “[...] o patriotismo local reside na experiência íntima do lugar” (Tuan, 2018, p. 116):

[...]

Ouvindo o canto atrativo
Daquele belo cativo,
Eu relembrei pensativo
O meu passado feliz.
Senti da rosa a fragrância,
Eu vi a certa distância
Os dias da minha infância,
E os meus sonhos juvenis (Assaré, 2003, p. 212).

Só sente saudade do seu lugar quem teve uma experiência íntima. Nesse caso, o sentimento topofílico do eu-lírico está guardado nas memórias felizes que teve em seu habitat, porque é lá que sente inteiro, como defende Arvay (2016, p. 65), a natureza não nos julga, diante dela podemos ser nós mesmos “[...] vagos, tristes ou alegres, rápidos ou lentos, introvertidos ou extrovertidos”. Assim, podemos “[...] desfrutar polimorficamente da natureza [...]” (Tuan, 2018, p.111), como os agricultores, independente das condições climáticas persistem na terra, pois dependem dela, por isso permanecem junto à terra numa relação quase de fusão entre um e outro.

Eles nutrem “[...] uma atitude devota para com a terra [...]” (Tuan, 2018, p. 112), posto que aquele chão é a sua casa, o seu lugar de pertencimento. Não é apenas um espaço que ele pode se locomover, mas é o seu lugar de pertença, “[...] onde investe parte da sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro” (Tuan, 2018, p. 114).

Esse sentimento ‘patriótico’ reacende na obra patativiana através da “[...] metáfora do amor pela terra natal [...]” (Tuan, p. 115), mas não patriotismo como orgulho coletivo de uma nação, mas “[...] o patriotismo local [...]”, o que “[...] reside na experiência íntima do lugar” (Tuan, p.116). O sujeito lírico se sujeita ao sentimento pueril, pois

[...] necessita vestir uma roupa velha que lhe permita esticar-se no feno ao lado do riacho e embeber-se em uma mistura de sensações físicas: o cheiro do feno e de estrume de cavalo; o calor do chão, seus contornos duros e suaves; o calor do sol temperado pela brisa; a cócega produzida por uma formiga subindo pela barriga da perna; o movimento das sombras das folhas brincando em seu rosto; o ruído da água sobre os seixos e matações, o canto das cigarras e do tráfego distante (Tuan, 2018, p. 111).

Dessa forma, tão amorosamente, os sentimentos biofílicos e topofílicos são clarividentes na poética popular patativiana. Os laços demonstrados pelo sujeito lírico revelam a apreciação pelo meio natural, por meio de uma linguagem bucólica, a leveza da vida campestre, nos leva a refletir o quanto o meio natural: a fauna e a flora têm o poder de nos ensinar, tal qual como um professor como aborda Norton (2019). Para o poeta Patativa “[...] a Serra de Santana foi muito mais um espaço afetivo, do domínio da memória. Ela cristalizou não apenas o paraíso, mas a concepção de terra partilhada” (Carvalho, 2011, p. 24), um lugar ideal de comunidade solidária.

Considerações finais

Inferimos que o conceito da Ecocrítica funciona como uma ferramenta de análise interdisciplinar, porque traz em seu bojo a possibilidade de relacionar a Literatura à Ecologia, bem como dialoga de forma interdisciplinar com outras áreas como a Geografia, a Ciência, fatores sociais, econômicos e filosóficos. Foi possível tecer a interdisciplinaridade na poética da natureza de Patativa do Assaré, que oferece um solo fértil para o debate entre a Literatura e questões ambientais, especificamente do sertão nordestino.

Na obra patativiana, a poética da natureza vai sendo construída à medida em que o poeta desenvolve sua lida diária com a terra e seu contato com o bioma sertanejo. Nesse sentido, evoca a tradição do tropo ecológico pastoril ecocrítico em que o eu-lírico prefere a harmonia e a simplicidade do campo à balbúrdia da cidade. O desabrochar da natureza envolve o eu poemático de duas formas: o trabalho no campo e o trabalho literário, ambos se fundem no processo de germinação. O espaço onde brota a semente, brota a poética de Patativa do Assaré, de forma que o espaço sertanejo que abriga a natureza, torna-se espaço de criação poética.

Nessa tecitura, o espaço sertanejo para além de um espaço ambiental torna-se o palco no qual jorra a cascata de rima patativiana, de modo que ciência e poesia dialogam nesse espaço de interação onde ocorre a dupla germinação: a semente plantada e a semente poética, ambas tecidas pela mão do poeta. O espaço idílico, espaço de relações topofílicas e biofílicas do poeta, deixa de ser apenas o sertão nordestino, mas um espaço carregado de emoções no qual ocorre o processo de construção identitária.

Esse entrelaçamento entre o eu-lírico e lugar só é possível graças aos laços afetivos que mantêm com o lugar e com os elementos da natureza, por meio da experiência íntima e subjetiva expressa por uma linguagem bucólica que preza pela vida simples do campo, independentemente das condições climáticas, pois permanece em fusão com a terra. É nela que o sujeito poemático habita a terra não só prosaicamente, mas poeticamente alimentado pelo sentimento patriótico pelo lugar de pertença e por uma ética de base não individualista.

Referências

- Araújo, E. J. P., & Santos, S. M. P. (2020). As representações do sertão em Inspiração Nordestina de Patativa do Assaré. In *Anais do XVIII Congresso Internacional ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada* (p. 3966-3977). Salvador, BA.
- Arvay, C. G. (2016). *El efecto biofilia: el poder curativo de los árboles y las plantas*. Barcelona, ES: Urano.
- Assaré, P. (1978). *Cante lá que eu canto cá: filosofia de trovador nordestino*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Assaré, P. (2003). *Inspira não nordestina*. São Paulo, SP: Hedra.
- Assaré, P. (2005). *Ispinho e fulô*. São Paulo, SP: Hedra.
- Bachelard, G. (2000). *A poética do espaço*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Brito, A. I. A. (2018). *Uma Voz que amplifica a aldeia: as imagens do sertão na obra de Patativa do Assaré – do corpo as novas mídias* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Camasca, E. (2020). *Ecocrítica y poesía política en Cenizas en la aurora* (Tese de Doutorado). Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú.
- Candido, A. (2007). *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro, RJ: Ouro Azul.
- Candido, A. (2011). O direito à literatura. In A. Candido, *Vários escritos* (p. 171-193). Rio de Janeiro, RJ: Ouro Azul.
- Carvalho, G. (2002). *Patativa poeta pássaro do Assaré*. Fortaleza, CE: Editora Inside.
- Carvalho, G. (2009). *Cem Patativa*. Fortaleza, CE: Omni.
- Carvalho, G. (2011) *Patativa do Assaré: um poeta cidadão*. São Paulo, SP: Editora Expressão Popular.
- Cidreira-Neto, I. R. G., & Rodrigues, G. G. (2017). Relação homem-natureza e os limites para o desenvolvimento sustentável. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, 6(2), 142-156. DOI: <https://doi.org/10.51359/2238-8052.2017.231287>.
- Feitosa, C. N. C., & Silva, J. C. (2020). Aspectos ecológicos no poema Eu e Meu Campina, de Patativa do Assaré: uma abordagem ecocrítica. *Brazilian Journal of Development*, 6(4), 18517-18536. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n4-138>.
- Feitosa, L. T. (2009). *Digo e não peço segredo*. São Paulo, SP: Escrituras.
- Garrard, G. (2006). *Ecocrítica*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.

- González, M. O. (2010). Globalización, ecología y literatura. Aproximación ecocrítica a textos literários latino-americanos. *Kipus: Revista Andina de Letras*, 27(I Semestre), 97-109.
- Grinde, B., & Patil, G. G. (2009). Biophilia: does visual contact with nature impact on health and well-being? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 6(9), 2332-2343. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph6092332>.
- Morin, E., & Kern, A. B. (2011). *Terra-pátria*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Norton, B. G., & Bravo-Osorio, F. (2019). Ética ambiental y antropocentrismo débil. *Humanitas Hodie*, 2(2), 1-22. DOI: <https://doi.org/10.28970/hh.2019.2.a4>.
- Pilati, A. (2018). *Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- Santos, J. S., & Lima, T. C. (2020). O elo entre a pessoa e o lugar: a afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do povoado Baixão do Pará, Município de Gonçalves Dias – MA. *Geografia: Publicações Avulsas*, 2(1), 274-291.
- Seemann, J. (2007). Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens do Cariri (Ceará). *Ateliê Geográfico*, 1(1), 50-73. DOI: <https://doi.org/10.5216/ag.v1i1.2714>.
- Speranza, A. (2006). *Ecologia profunda y autorrealización: introducción a la filosofía ecológica de Arne Naess*. Buenos Aires, AR: Biblos.
- Tortonda, A. P. (2018). *El estudio y la didáctica de la literatura desde una perspectiva ecocrítica y sus nexos con la educación ambiental, patrimonial y de género* (Tese de Doutorado). Universidad de Extremadura, Badajoz.
- Tuan, Y.-F. (2018) *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo, SP: Difel.
- Wilson, E. O. (1984). *Biophilia: the human bond with other species*. Cambridge, MA: Harvard University Press.